



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 368 — Preço 1\$00  
19 DE ABRIL DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

## Facetas de uma Vida

### Duas palavras acerca de duas coisas

Nos refeitórios das grandes Ordens Mendicantes, silenciosos, penitentes, mortificados, aonde, aos braços, entra a luz pelas vidraças e sai a alegria das almas e em cujos bancos se senta, três vezes ao dia, a modestia, a reverência e o apetite dos frades — nos refeitórios das Ordens Monásticas, dizia eu, há dias assinalados; uns, para a leitura da santa regra; outros, para a leitura das Constituições, a que chamamos Estatutos e finalmente outros, para a leitura das Crónicas a que aqui não chamamos nada, porquanto, rigorosamente falando, as nossas crónicas começam no momento em que acabam os dias de seminarista. Ora foi justamente duma destas crónicas que um dia, o leitor da semana botou da cátedra abaixo estas regras in-

teressantes: — que eram duma vez dois frades que iam de jornada para Terras do Buro, dum convento de Braga, e que um deles apanhou um piolho na fímbria do hábito, tomou-o nas mãos, mirou-o com muito carinho e meteu-o no seio.

Vamos nós concluir que o frade era panteísta e que poupou a vida do bicho pela mesma razão porque os misteriosos filhos do Ganges poupam a vida doutros bichos?! De maneira nenhuma. Este incidente, passado, no dizer das crónicas, há perto de dois séculos, dá-nos a razão deste outro que se passa todos os dias, no presente século, e vem a ser a sem-cerimónia com que as mulheres do povo, nas vendas, diante de toda a gente pedem um pente dos piolhos, ou um pente dos bichos as mais poli-

das. E aqui temos nós, em duas palhetadas, a questão da piolhice nacional!

Eu cuido que nós, os peninsulares, somos um dos raros povos que mui francamente, mui suavemente, ao sol nas soleiras das portas e à sombra nas bordas dos campos, mixericamos a vida alheia e pesquisamos a cabeça do próximo. Dentro de portas, não damos fé dos nossos costumes nem sabemos que eles são o espanto dos estranhos, e a verdade é que este nosso catar, espanta os desprevenidos.

Duma vez, aí fora no Atlântico, num «Mala Real», ia eu distraído na amurada do barco vendo os peixes voadores, quando alguém me sacode exclamando: — «veja!»! Temos fogo a bordo — disse eu comigo — tal era a expressão do homem. «Olhe aquela insolência!» vai ele de novo. Voltei-me; deixei cair os olhos no bica da proa, coberto de emigrantes e vi duas mulheres catando-se ao sol, serenamente. E como até ali vinha sendo tomado na conta de estrangeiro, no meio daqueles estrangeiros, entrei na indignação e desanquei os portugueses!

Dentro das portas não damos fé dos nossos costumes!

Não vem agora para aqui fazer a destrinça dos vários perfis da vida nacional em que a piolhice é manifesta. Prefiro deixar-vos ir na es-

Continua na 4.ª página

Há tempos foi preciso iluminar a primeira capela de Beire e com uma certa urgência. Indicaram-me a casa conveniente. De lá fomos a outra escolher lâmpadas e tons. Em ambas não poderia achar mais prontidão e gentileza.

Chega a hora da conta e estavam feitas as contas. Isto fez-me lembrar pedaços da nossa história.

Era de uma vez, uma Casa do Gaiato que dava seus primeiros passos. O ambiente era difícil e propenso à desconfiança. Começa o trabalho. Um homem bom da freguesia observa e percebe, para além do que os seus olhos viam e seus ouvidos ouviam, que ali era obra de Deus. Os homens bons têm sempre intuições da Verdade.

Que resolve ele? «Se até hoje fiz a minha vida sem a Casa do Gaiato também hei-de continuar sem ela».

## OS NOSSOS FORNECEDORES

E a qualquer hora do dia ou da noite, sempre a Casa do Gaiato contou com ele para o que fosse preciso, sem outro lucro senão a alegria de colaborar num serviço de Deus.

De outra vez, o chefe de uma das nossas oficinas faz uma requisição de materiais e vai à loja respectiva. O dono atende e diz: «Não senhor. Não avio isto e isto e isto... São coisas de que vocês raramente hão-de precisar na vossa Casa. Não podem empatar dinheiro nisto». E aviou a encomenda como muito bem entendeu.

Este mesmo senhor nos pôs na pista de outros da mesma sorte. E ouvi algumas vezes recomendar a comerciantes que nos indicara: «Olhe que à Casa do Gaiato vende-se com o coração!»

Ainda de outra vez, outro amigo nos indicou um armazém bem provido aonde nos poderíamos fornecer dos materiais da sua especialidade. Assim fizemos. Passado tempo, num dia de compras, recebemos a comunicação: «Pedimos à entidade competente e foi-vos reconhecido o direito aos descontos dos retalhistas».

«Pedimos...» Eles pediram, espontaneamente, por sua iniciativa, que só o amor da nossa Obra lhes ditou.

Eu tenho diante de mim a longa lista dos nossos fornecedores habituais. Padre Horácio tem os seus em Coimbra; Padre Baptista em Lisboa; Padre Acílio em Setúbal. Quase todos afinam pelo mesmo tom: «A Casa do Gaiato vende-se com o coração!»

Podia dizer os seus nomes, mas não quero profanar. Eles reconhecem-se quando lerem, se lerem, estas linhas de justiça e gratidão. Deus sabe ainda melhor quem eles são.

Há dias o correio trouxe-nos uma carta-guia de remessa de uma destas casas. Em P. S., e por sua mão, o gerente que assinava, escrevia assim: «Pedimos aos Padres da Rua que nos ajudem com as suas orações». Era o preço de valiosa remessa, que muitas vezes se tem repetido.

Não!, o mundo não está tão materializado como se diz por aí! Há fome e sede de Verdade. Há homens bons com intuições da Verdade.

O mal é de outros que não são bons nem maus, que são prudentes... e estorvam o Espírito de soprar aonde quer!

## Nós vamos ao Coliseu

Vamos sim senhor. Podemos lá faltar?! Tudo exige que a tradição se mantenha: o nosso Pai Américo, nós e, como os últimos são os primeiros, tu leitor amigo. É, até, por tua causa que nós vamos ao Coliseu. Ouvir aplausos? Não. Sentir o bafo do teu carinho. Um amor que permanece. Um entusiasmo que não esmorece. E porquê? Amas-nos em Cristo! Aqui, senhores, o segredo da nossa Festa, a retumbância dos seus êxitos, a persistência da tua presença.

Pela vez primeira a gente se apresenta sem Pai Américo. Mas ele estará presente. Não em corpo; mas em espírito e, sobretudo, o palpitante, bem vivo, no coração de todos. Só por isso vale a pena ir ao Coliseu no dia 22 de Maio.

O Sejaquim diz que, da parte que lhe toca, o reportório está um mimo, apesar de ter só meia hora por dia de ensaio e que no Bechstein dá gosto tocar e que os senhores vão ouvir e chorar por mais. O Daniel, esse, foi o primeiro a trabalhar. Ele nos «Amigos do Pagode», ele «em um dia na nossa aldeia». O Daniel é, na verdade, o rei da festa! O Cândido, meus amigos, vai ser uma revelação, tanto a cantar como a interpretar. O Ramada, muito contente, até esfrega as mãos só por ir ao Coliseu... O Rocha, um grande alegre, vai levar «nevoeiro» prós «Amigos do Pagode». E o Lucas (ai o Lucas...) aqui a meu lado coça a cabeça e pergunta quantos lugares tem o Coliseu!

— Então não sabes que anda por três mil?!

— Pois é, mas eu tive uma pega com o Bojarda e ele disse que o Coliseu era só de mil pessoas!

O que depois se passou entre os dois não sei...

E o Senhor Padre Carlos não julguem os senhores que está parado. Anda às voltas com uma peça de José Régio que é um encanto!

Programa novo? Em verdade, sim. Na próxima se dirá como é ele todo, todinho. E até lá vão-se prevenindo, quando não ficam cá fora, na rua. Oh tristeza! Não é?

J. M.

«Sou um pobre chefe de família, pai de seis filhinhos menores, já tive nove, mas Deus fez-me a esmola de me levar 3 ainda de tenra idade, digo esmola, porque olhando os tempos calamitosos que passam duas certezas mitigam a dor dos pais: a ausencia para os que foram, de trabalhos deste mundo e a garantia da certeza do gozo celeste. Sei que casos como o meu se contam infelizmente por milhares, prouvera a Deus que o meu fosse único — que feliz eu era e como o mundo seria melhor! Mas no entanto o meu reúne um certo número de particularidades que me levam a vir junto de V. Rev.ª. Durante dois anos, por doença pulmonar, quase

## UMA CARTA

me conservei ausente do serviço e por esse motivo, agravado ainda por doença de um filhinho meu, sofreu minha economia doméstica grave golpe que dificilmente se recomporá por meu esforço único, pois a vida e os revezes não me permitem tal. Graças a Deus durante algum tempo tudo correu bem e consegui pôr as minhas dívidas, de 9.892\$ em 5.400\$00, mas agora, devido a nova doença de uma filhinha

e esposa, terei de parar com tal desejo e tudo lançar para restaurar a saúde de meus queridos familiares. Deus seja louvado. Um dos atrazos verificou-se na renda da casa: 5 meses.

Foi-me instaurada acção de despejo e tive de abandonar a casa indo habitar—8 pessoas— parte de uma casa que um amigo me ofereceu (duas divisões); mas estou sujeito a pagar custas e selos do processo além de 1.560\$00 de rendas que o senhorio me exige.

Será a ruína do meu lar, mas que fazer se a lei permite? Claro que esta lei é dos homens o esconde a de Deus — CARI-

— Cont. na terceira página



# do que nós necessitamos

Mais um capítulo daquela história que um dia apareceu nas colunas de «O Gaiato». É proibida, mas real e inédita. Quem dera que o não fosse! Mas os escândalos são necessários. Parece uma contradição. Não o é. O escândalo é uma prova. Defino posições e atitudes até aí pouco esclarecidas. Obriga à escolha. Desmascara consciências. São necessários.

Recordam-se do infeliz que, de tão longe, veio até junto de nós, contar a sua história? Uma como tantas outras. Agora já não pôde vir. Morreu. Sôzinho, abandonado de todos, tendo por companhia a que escolhera por companheira. Mais um capítulo no livro daquele lar. Sua grande preocupação a sorte da que deixara no mundo. Por si queria morrer. Estava cansado de viver sofrendo. Os homens não lhe permitiram que vivesse mais.

No lugar havia os que tinham mas não davam. Não queriam dar. «Podem, mas não dão.»

Ora o dinheiro é uma espada de dois gumes. Ou instrumento de morte... ou de salvação. Não há nem pode haver outra alternativa. É o homem que escolhe. Aqui a sua responsabilidade. Deus, na Sua sabedoria infinita, deu ao homem, no uso da sua liberdade, a gerência dos bens materiais. Não a este ou àquele. Foi ao homem.

Do que possuem, façam participar os que nada têm, para que a riqueza longe de ser um «empecilho à graça de Deus», seja instrumento de salvação.

\*\*\*

No Espelho da Moda encontramos sobretudo, retalhos e gabardines. Lápis, um fato e um par de botas. «Sou devedor desta quantia à Obra do Padre Américo» — 100\$. De Ronfe, Guimarães, em acção de graças, outros 100\$. Dez vezes mais por alma de «quem tinha muito amor a tão simpática Obra». 50 para os Pobres do Barredo. O dobro «para que os meus paisinhos tenham sempre saúde». É de Nampula. «Uma pequenina partícula do Amor infinito de Deus» — 20\$. Outro tanto de uma esposa. Roupas para os Pobres «pedindo em troca

uma oração pelas felicidades dos meus cinco filhinhos». 70\$, importância do costume. «Uma economia no tabaco» — 20\$. De Odivelas, 150\$, sobras da assinatura. Menos 50 por «alma de minha esposa para que esteja junto de Deus». Os Pobres do Barredo continuam a ser contemplados — 100\$ do «aumento de meu vencimento». Monte Real acrescenta 70, «migalhas que gostaria servisse para ajudar a suavizar uma das muitas dores que tentais redimir». 20 de quem nunca se esquece. Uma anónima de Viseu manda o primeiro aumento do seu ordena-

do. Cem de um cliente e amigo da nossa tipografia. As prestações de Março e Abril para a nossa conferência vicentina. Uma professora primária não se esquece dos nossos pequenos e manda para as amêndoas. Da Fábrica de Papel de Almonda, L.da, vinte resmas de papel de impressão. Peço licença para acrescentar o desabafo do nosso Júlio: «é a primeira vez que nos oferecem papel. Quem dera que o exemplo pegasse». Valeu? Duas vezes 500\$ não sei de onde, para «salvação de quem os mandou». Aí vêm os «dois amargurados» com uma nota de 50\$. «Uma pedrinha para a grandiosa Obra do Saudoso Padre Américo» — 500\$. «De um pecador veio a cotazinha do costume». Temos recebido, sim. Outro tanto por uma graça recebida. No domingo de Ramos esteve junto de nós a Associação Recreativa «Os Pauliteiros de Nevogilde» que nos deliciaram com a sua arte. Voltam quando? Os nossos rapazes ficaram a «chorar» por mais.

Lençóis e roupas de A. S. Não falta nem pode faltar a Avó de Moscavide. Desta vez é para a ajuda das amêndoas. Dóll. dos E. U. «Para a viúva da nota da quinzena», 100\$. E outro tanto «para uma mãe alimentar seu filho». Metade de um aumento de ordenado — 618\$20 e uma carta cheia de beleza. Cem de A. J. F. Duas vezes 50 de Lisboa. Uma vez mais da Refinação de S. Marcos. Mil de um anónimo de Lisboa. 50 e muitas felicidades de Nampula. 60 «para ajudar os irmãos do Barredo a arrastar a sua cruz. Uma pequena ilhavense manda também o seu óbulo e pede uma Avé Maria. De um grupo recreativo do Porto 214. Uma carta cheia de doutrina do casal R. D.

Padre Manuel António

## Chales de Ordins

«Sabendo Jesus, diz S. João, que era chegada a Sua hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim». Amou os discípulos, até ao fim do curso da Sua vida terrena. A Eucaristia ultrapassa o dom dos 33 anos da Sua vida entre nós. Ama-nos, deste modo, até ao fim do mundo. Para ficar connosco, teve de operar mistérios, suportar afrontas e desprezos, sacrilégios e profanações. Mas as «delícias» daquele que por nós deu a vida era ficar sempre connosco e amparar-nos, consolar-nos, fortalecer-nos, guiar-nos.

Quinta Feira Santa é o dia da Eucaristia, dom permanente do Amor de Jesus. É o dia da Caridade. Não há pior inimigo que aquele que maquina a nossa morte. Jesus conhece os passos traidores de Judas. Ajoelha-se não obstante, diante dele e lava-lhe carinhosamente os pés. Mas seu coração continuou duro e cínico. «Um de vós me há-de entregar», diz ainda, mas o discípulo permanece empedernido até ao fim, como Jesus, até ao fim, há-de procurar atraí-lo ao seu Amor.

Foi na Última Ceia que Ele traçou caminhos não andados, quando disse: «dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros». O sinal para o mundo nos conhecer como discípulos de Cristo é a Caridade:

Visado pela  
Comissão de Censura

amar o próximo como Ele nos amou. Desapegados de tudo, em favor do nosso irmão fraco e necessitado. Desapegados até mesmo da vida, se ela for necessária à salvação dos nossos irmãos. Amar até ao fim. Quere dizer: aquele amor que recebemos na Eucaristia deve, depois, ser visto, palpitando em nós. Se recebemos o Amor e não amamos o Próximo, não compreendemos, ainda, o que é comunicar. A nossa acção de graças de comungantes deve continuar, ao sair do templo, pela vida além, no trato cheio de caridade para com nossos irmãos. Ele amou-nos até ao fim... Mandamento novo...

Passaram XX séculos sobre a Última Ceia. E o mundo não pratica ainda o mandamento novo da Caridade, pois a miséria, tanto moral, como material, faz parte dos costumes e legislação da nossa civilização. Entre cristãos, mormente comungantes, não se compreende haja quem tenha fome, padeça nudez, viva em tocas ou pardieiros, etc. Se soubessemos rezar o Pai Nosso... Somos irmãos, filhos adoptivos do Pai Celeste. Amemo-nos, a exemplo de Cristo até ao fim.

Ele continuará a sofrer, até à consumação dos séculos, nos seus membros místicos. Se temos compaixão do Senhor não pequemos mais e vamos ao encontro dos que gemem na cruz, como Verónicas ou Cireneus.

\*\*\*

De onde estou, vejo dois pedreiros levantando um muro, que as chuvas fizeram ruir. E quantas almas prestes a cair na tentação! Se ninguém lhes valer, deplorar-se-á, depois, sua queda. Num destes dias de chuva diluviana, ouvi bater à porta e corri a atender. Era uma madalena, em cuja regeneração se vem trabalhando. Só lhe ouvi este grito: «dê-me, nem que sejam só 2\$50 para um bocado de pão... Tive que parar a fiadeira, sem força nas pernas... Já há dois dias que não provo um bocado de pão...» Se tivesse só a fiadeira como ganha-pão, que seria dela? Olhei-a bem: chorava. Lágrimas abundantes deslizavam pela face. Não maldizia de ninguém. Só pedia pão. *Nem que sejam só 2\$50 para um bocado de pão.* As lágrimas desta mulher fraca, que há-de ser forte, se ela quiser e nós a ajudarmos, já fizeram abrir uma bolsa. Foram 20\$00, postos nas minhas mãos pecadoras, à vista do local onde se vai erguendo a Casa das Tecedeiras. Não se submete este caso à apreciação dos leitores, para se conseguir pão para mais uma pobre mulher de Ordins que conhece todos os degraus da miséria. Não, que ela, agora, vive melhor do que há meses. Se como fiadeira lhe saltavam as lágrimas dos olhos, como tecedeira de chales

Continua na 4.ª página

Nas nossas visitas pelos pobres, não raro ficamos abismados ao ouvir dos seus lábios lições tão profundas. No meio das grandes dificuldades que os homens lhes criam, têm uma certeza. A de que não estão sós. Quando os homens lhes não merecem a confiança encontram-se com Deus: Eis o segredo da sua força no martírio lento e mais doloroso. Bem aventurados os que confiam antes em Deus que nos homens. Aquele nunca falta. Estes sim. Por isso os Pobres têm necessidade do nosso encontro. Não aconteça que venham a sucumbir perante a incompreensão dos homens. Sempre que vamos, não queremos ir de mãos vazias, é verdade. Porém, tão pouco pomos a finalidade da visita nos magros escudos que lhes deixamos nas mãos. Bem sabemos que não remidiamos situações criadas. Nem o poderíamos fazer. Em muitos casos ajudamos a resolvê-las. Vamos em missão de auxílio.

A presença do visitador dos pobres, para além daquilo que os olhos humanos vêem, terá de ser manifestação da presença de Deus. O auxílio material, quando o há, terá de ser o sinal sensível dessa presença invisível, mas real.



Querem que assim seja. «A vossa visita é uma graça do Senhor. Ainda que nada me dessem bastar-me-ia a vossa presença». O visitador, no momento em que pisa as tábuas velhas e por vezes mal cheirosas daqueles antros lembre-se que é um sacramento. Apague-se. Deixe Deus manifestar-se.

Uma das realidades mais consoladoras é o que recebemos dos Pobres. Vamos dar. E damos do que temos, na cer-

teza que recebemos na medida em que dermos. Estabelece-se uma permuta. O pobre abre-se. Deus manifesta-se.

\*\*\*

Foi em Quinta Feira Santa. Dia do Amor. Eu e mais dois

dos nossos rapazes fomos repartir do que havíamos recebido, momentos antes, na Sé Catedral. Logo à entrada da Rua das Aldas mora um casal de velhinhos a irradiar simpatia. A Senhora Adorinda mal-lo Senhor Vitorino. Este, de cama, com um cancro, vai bebendo até à última gota o cálix que ao Senhor aprouve dar-lhe. Ela, sempre bem disposta, desfaz-se em carinhos para com o seu Vitorino. Participa da sua dor. Ajuda-o a

levar aquela cruz bem pesada, para as suas débeis forças. Fui testemunha. Nessa casa não entramos para dar. Sim para receber e dar aos outros. Sentado no bordo da cama ouvia a lição. Senti-me mesquinho. Apalpei a presença de Deus naqueles dois corações. Fiquei confuso.

«Fui buscar esta cruz à Igreja no dia do meu casamento e hei-de levá-la, sem desfalecimento, até ao fim». Eis o grito da mulher forte. O Amor, quando autêntico, sublima-se no sofrimento. Nunca esta mulher amou tanto o seu homem como nesta hora de prova.

Quantas noites sem dormir! Quantos dias de vela à cabeceira da cama! «Cumpra-se a vontade de Deus. E' a minha cruz que quero levar sem desfalecimento». Livro aberto. Isto no Barredo.

Esposos, aprendei a lição. Que o Amor não seja uma palavra vã. Amor é doação. E' Cont. na terc. página

# COLISEU!

A nossa festa anual realiza-se no Coliseu do Porto  
**DIA 22 DE MAIO**  
Os bilhetes já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda,  
Rua dos Clérigos, 54; todos os dias nas bilheteiras do Coliseu

# COLISEU!



## Tribuna de COIMBRA

*Era Sexta-feira Santa à tarde. Fui ver o Senhor Jesus Agonizante nos meus irmãos Pobres. A Agonia do Senhor continua pelo desprezo dos chamados ricos e poderosos e bem instalados. São estes geralmente os culpados.*

*Logo à entrada do bairro vem ao meu encontro uma mãe que me andava a procurar. Tem 7 filhos e o marido pouco ganha. Ela muito doente de há anos e agora uma filha de catorze anos que a estava a ajudar teve uma fraqueza e ficou com uma sombra num pulmão e não tem nada com que a aconchegar. Trazia, entre cautelas de penhores, um aviso da Santa Casa da Misericórdia para pagar os 28 meses de renda atrasada do miserável aposento do casarão, onde vive à mistura toda aquela família.*

*Depois de a consolar, tomei o carreirito da encosta que era só de lama e lixo. A velhinha cega, quando soube da minha aproximação, começou a trepar de gatas pelas escaditas de terra: Ai meu rico senhor que não o tornei a ver. Quando cheguei perto das primeiras barracas já lá era um arraial de gente. Os pequenitos correram a perguntar se já ia tirar o nome para as colónias.*

*No meio de pais e mães estavam os filhos. Parte deles nus até à cinta, porque a mãe tinha ido lavar as calcitas para dia de Páscoa. Pequenitas com o cabelo rapado. Muitas caritas sujas como o piso do caminho.*

*A primeira a falar foi uma pobre mãe de muitos filhos a quem tinha falecido anteontem uma filhinha de dez meses e não tenho com que pagar o enterro e só o caixão são duzentos mil reis e só ainda tenho trinta. Os vizinhos testemunharam esta verdade.*

*Depois de ouvir mais vidas, acompanhado, como de costume, por um bando de pequenitos, subi o carreiro que dá para o plano de cima. Estavam à minha espera 2 miúdas para eu ir à Senhora Rosária que já está doente há meses e que quer que o senhor a vá ver. É uma velhinha de oitenta e dois anos colhida desde nova pelo reumatismo. Conheço-a desde rapaz, dos meus primeiros dias de Coimbra. Habituei-me a tratá-la nessa altura por avó e ainda hoje assim uso. Conversamos. Estou aqui até que Deus queira. Saí contente com esta lição de resignação. E ainda há quem nos chame a nós mestres!*

Cont. na pág. QUATRO

# O que nos dão no Tojal

Se disser que os rapazes tomam o café em pratos rasos, digo a verdade toda inteirinha.

Outro dia queixa-se-me um: «Olhe que a gente começa a saborear o café quentinho e acaba por tomá-lo frio de todo. É dos pratos». E é. Por isso, se me dão licença, eu gemo por momentos a minguia de utensílios e as necessidades mais prementes desta hora: Faltam tijelas fortes e resistentes, pratos, talheres, e copos no sector da cozinha; riscados, cotins, toalhas e lençóis no sector da rouparia; encomendas de trabalho aos serralheiros e alfaiates que, para aprender a cortar e a unir, precisam de risco e medidas.

Posto isto, com o ritmo que a Providência julga acertado, chegam discretos os donativos. De Lisboa dois contos. Outros dois dum estudante «por mais um ano de saúde e felicidade». Continua a cidade com cem. Em Entre-Campos camisolas de lã confeccionadas nos serões de inverno. Os dois jovens quaisquer apresentam-se com cem a pedir orações. Na Avenida Luís Bivar uma viúva vende suas jóias e entrega-nos oito contos. No Banco Espírito Santo deixam 50. Igual quantia nas ruas da baixa.

Um senhor do Tojal desobriga-se com cem. Na Asseiceira presenteiam-nos com roupa, carne e duzentos. Para sufrágio trezentos. Alegres chegam os vendedores com roupas e vinho do Porto para a Páscoa. Em último o Viseu com uma gabardine nova. Que remédio tive senão dar-lha.

A Sacor repete gesto antigo, dando-nos neste 220 litros de petróleo.

Os senhores Capristanos entregam 20 bilhetes para os ven-

dedores das Caldas da Rainha 30\$ e mercearias e uma refeição completa e muita amizade.

Uma mãe cristã ensina os filhos a dar, e eles entregam-nos uma nota de mil. Os empregados da Mobil Oil Portuguesa vão aqui a meio do cortejo, quando mereciam figurar na vanguarda pela constância com que se apresentam. Ei-los com 1.525\$, 1.185\$ e 1.163\$. Os empregados do Crédito Predial com 50\$ e Abrantes com igual quantia.

Anónimo deixa 500\$ na Igreja de Fátima. A confraria de S. Julião toma o seu posto com 540\$. No Banco Espírito Santo 220\$. Em Caneças e Belas, batatas de consumo. No Campo Pequeno, um piano.

Mais empregados. Os da Nesllé com 439\$. Mais bolos para o

dedores das Caldas da Rainha 30\$ e mercearias e uma refeição completa e muita amizade.

Uma mãe cristã ensina os filhos a dar, e eles entregam-nos uma nota de mil. Os empregados da Mobil Oil Portuguesa vão aqui a meio do cortejo, quando mereciam figurar na vanguarda pela constância com que se apresentam. Ei-los com 1.525\$, 1.185\$ e 1.163\$. Os empregados do Crédito Predial com 50\$ e Abrantes com igual quantia.

Anónimo deixa 500\$ na Igreja de Fátima. A confraria de S. Julião toma o seu posto com 540\$. No Banco Espírito Santo 220\$.

Em Caneças e Belas, batatas de consumo. No Campo Pequeno, um piano.

Mais empregados. Os da Nesllé com 439\$. Mais bolos para o

(Cont. da página um)

DADE. Tratei imediatamente de arranjar novo lar, mas tudo me é negado: «tem muitos filhos e eu só alugo a quem não tiver filhos». É inacreditável! Não é o medo de não pagar que os leva a negarem-me o prédio, pois dava fiador rico, mas o TER MUITOS FILHOS!! Estarei condenado a viver toda a vida dentro de dois quartos com minha esposa e filhos só pelo facto de ter muitos? Digo estar condenado porque infelizmente nunca terei oportunidade de fazer uma casinha para nos albergar.

Se hoje com seis filhos ninguém me aluga casa, amanhã com mais, pois tenho 31 anos e minha esposa outros tantos e tanto eu como ela, graças a

## UMA CARTA

Deus, não temos ideias de impedir o mandamento divino de aumentar a prole nem ainda coragem para nos desfazermos dos que Deus já nos deu, repito: se hoje com seis não arranjo casa, como viver amanhã com mais filhinhos? Como o mundo vai! E a resposta não é só de um, foram vários que assim responderam. Não é o medo de não pagar, pois eu arranjava fiador rico, antes fosse o medo, mas a repugnância de muitos filhos. Que século!

Sei que o meu caso é moral, mas não tenho força para nada. Não posso reagir. Revolto-me contra tudo, menos contra Deus, pois nesse tenho confiança. Sou impotente para resolver a minha crise e não desejava ser ajudado, antes queria ajudar. Poderia já ter conseguido casa minha se as ajudas que para os outros tenho pedido e concedidas foram, para mim tivesse pedido, mas tenho vergonha e a minha categoria social estranguela-me e prouvera a Deus que a minha vida não fosse do conhecimento de ninguém. Queria desabafar mas não posso — tenho vergonha — só de noite no meu quarto, juntamente com minha esposa, choramos para que o silêncio não faça ver a meus filhos as lágrimas que nós vertemos por eles «serem muitos». Tenho vergonha de tudo e não tenho culpa de nada. Eu não sei o que peço nem o que deva pedir a V. Rev.<sup>a</sup>. Tenho medo do mundo, mas que fazer? Não sei. Peça a Deus por mim e guie-me. Que fazer? Os pobres rodeiam-me e pedem-me protecção — escrevo para caixas e outros organismos e lá vão sendo atendidos e mal adivinham esses pobres que se dirigem a um pobre mais pobre do que eles. Se um dia o adivinharem talvez fujam — não por eu ter muitos filhos, mas... por não verem em mim o ami-

Carnaval, com 100\$. Outra vez no Lar: «Para o que mais preciso fôr, 500\$» em dia de precisão.

Como os homens se não cansam de fazer bem! Se eles aí colhem as maiores alegrias! Esta senhora torna com oferta idêntica e reforçada: 200 sacas de batata de consumo, que os dias vão comendo. Outra admiradora com 20\$. Amigo do Senhor Padre Carlos com 100\$. Três irmãs com 500\$, 50\$ e 100\$, e mercearias. Rapazes da J.I.C. com 362\$. E amigável encontro no campo de jogos. Vendedores entregaram duas notas de 100\$. Visitantes 50\$ e 100\$.

Um senhor de Linda-a-Velha quer tornar todos os meses com 100\$. É uma silenciosa comunidade mensal.

Como Deus tem recompensado este outro que chega com o quarto aumento de ordenado, 500\$.

Continua na 4.ª página

## BARREDO

Cont. da página dois

sacrifício. Não há amor sem sangue. Não há maior prova de amor do que o sacrifício até à morte por aquele a quem se ama. Esta palavra é eterna e foi selada pelo Exemplo.

E sempre animados pelo desejo de dar e receber seguimos Mercadores abaixo sem sabermos para onde, à espera do primeiro convite. As ruas molhadas e escorregadias estavam desertas. «Estou cansada de viver. Espero ansiosamente a hora de Deus». O sofrimento é uma escola. Mostra-nos o nada que somos neste mundo. O nada das coisas do mundo. «Espero ansiosamente a hora de Deus». E' em contacto com estes mártires que sabemos melhor do que nunca apreciar o grande dom da fé. Se não fora ele, onde a razão daquelas palavras? Onde a força capaz de aguentar fardo tão pesado? «O Senhor também sofreu por nós. É justo que soframos com Ele». À luz da fé, o sofrimento, longe de ser fonte de desânimo, é manancial de paz e alegria interior.

É a fé vivida no Lar da Senhora Adorinda mai-lo Senhor Vitorino que no-lo diz. Sou testemunha.

Sempre que descemos ao Barredo temos a certeza de não irmos sózinhos. Conosco todos os que querem. De longe e de perto. Lá do Alentejo chegou até nós o eco bem sentido de uma voz que nos acompanha. «De mim para mim penso como é possível ainda existir, após vinte séculos de cristianismo, uma miséria palpável, sórdida, criaturas vivendo em condições infra humanas. É uma vergonha, é uma ignomínia lançada à nossa consciência. Nunca pedi a Deus a riqueza porque sei ser um impedimento à graça de Deus. Porém, nestas alturas, desejaria ardentemente sê-lo a fim de poder acudir a necessidades tão prementes. Como não o posso fazer na medida dos meus desejos, envio 500\$00 das minhas bem fracas economias. É o óbulo da viúva de que nos fala o Evangelho.»

Padre Manuel António

go com possibilidades de os atender como até aqui. Eu quero ser sempre pobre, a ter o crime que o mundo me acusa: TER MUITOS FILHINHOS, e sendo assim... terei de morrer ao relento pois não arranjurei jamais casa independente para os meus, pois... terei sempre muitos filhos, se Deus quiser.

Queria construir uma casinha, simples, mas nem isso posso: não tenho terreno, só terei a ajuda de algumas árvores para madeiras e mais nada.

Estou completamente desanimado. Não tenho forças para reviravoltas. Se não estivesse com dívidas tudo se remediará, assim... Deus seja louvado. Não sei que fazer. A minha posição social atraçoa-me. Tenho vergonha, cada vez mais vergonha e no silêncio do meu quarto emprestado, choro e bendigo a Deus — tenho por consolo imediato os meus filhos e minha esposa que tudo fazem para me distraírem. Mas eu queria abrigá-los e não posso, queria vê-los rir, gritar, brincar e não posso: a casa é cedida por amizade. Não é o meu suor que os abriga. Disponha V. Rev.<sup>a</sup>. Eu não tenho forças para nada. Há muitos terrenos, mas só vendidos e bem vendidos. Há muitas casas mas não se alugam: TENHO MUITOS FILHOS. Louvado seja Deus. É para este meu problema que solicito a paternal ajuda de V. Rev.<sup>a</sup>. Nada peço pois quem sabe se serei merecedor? Disponha pois e aconselhe-me o que devo fazer: Se cruzar os braços, se continuar a lutar escondendo sempre a minha desdita.

Aconselhe-me, eis o grito deste chefe de família espeznado por o crime de ter estado muito tempo doente e de ter MUITOS FILHINHOS.

Um pai aflito e prestes ao desânimo total».



Facetas de uma Vida

## Duas palavras acerca de duas coisas

Continuação da primeira página

teira das maiorias, berrando ao mundo inteiro, da ponta do continente, a grandeza e competência do nosso povo, a fama dos navegadores, dos sábios e conquistadores, como os fidalgos arrebatados, mostrando aos convivas, das janelas do palácio, no fim do banquete servido em baixela emprestada — as redondezas que foram dos seus antepassados. Não. Quero deixar-vos dormir, felizes, nas dobras dos pergaminhos! Por isso, só muito pela rama vou bulir na limpeza e no asseio da nossa terra e da nossa gente.

As nossas cidades, pasmadas e preguiçosas, acordam a esfregar os olhos, com caixotes de lixo postados nas soleiras das portas e esquinas dos passeios, aonde todo o cão vadio meteu o focinho, e toda a farrapeira esgravatou coisas, com ganchos de arame, para dentro dum saco de serapilheira, tão sujo como ela — até que por volta das 10, precisamente quando começa a vida cidadina, começam igualmente a aparecer os homens do lixo, varrendo indiferentemente passeios e pés e levantando no ar o pó das ruas e o desleixo das câmaras!

Esse mictório subterrâneo que apareceu há dias na Estação Velha com cara de gente nova, e outros que com igual cara têm aparecido em Lisboa e mais cidades, são uma velhice do século passado, nas cidades pobres das terras limpas.

Nós temos a rara habilidade de sermos os primeiros a importar o que nos faz mal, e os últimos, o que nos é útil — o que é uma variante muito conhecida da nossa piolhice.

Um banho nos hotéis é um acontecimento. Não entra na diária; paga-se por fora. É extra o banho; é extra o sabão; é extra a toalha e é extraordinária a pessoa que o reclama! O quarto de banho é uma grande tragédia. O hotelheiro, no princípio, quando botou contas aos quartos capazes de receber hóspedes, deu com um, lá em baixo, no fundo do corredor, janela para o saguão, de esguelha, sem luz nem espaço, que não servia nem para hóspedes nem para arrumos, nem para nada. É que fez o hotelheiro? Encaixou lá dentro banheira, um cabide, duas cadeiras, pregou na porta uma linda chapa de esmalte, do Freire-gravador, que diz em letras frescas e elegantes: — casa de banho — e agora, quando alguém reclama um banho manda-o para ali!

Eu já não queria o banho de Cleópatra nem o das patrícias romanas, com perfumes e leite de jumenta servido por negros da Etiópia; mas o banho trivial, o banho arejado, abundante, com pilhas de toalhas de cânhamo e pilhas de sabão... este banho, sim, deseja-se imensamente nos hotéis da nossa terra!

Eu sei de muitas casas e de muitas famílias que têm braços nas portas; têm criados de libré; têm sangue azul nas veias e não têm casa de banho!

Há grandes famílias por aí fora, habitando grandes casas, que se lavam indiferentemente no quarto, na cozinha ou na sala, em grandes alguidares de barro ou bacias de zinco, às prestações; e há muitas que nunca se lavam! Triste, muito triste! Não damos fé dos nossos costumes!

Vivemos a piolhice em família, com conforto e devoção, sem nos lembrarmos que filhos da nossa terra, em terras asseadas, muitas vezes se vêem na necessidade de esconder o nome nas pregas de críticas amargas e justas. Eu sei de uma companhia de navegação holandesa que mui dificilmente vende bilhetes a portugueses só pela facilidade com que nós cuspinhamos a todo o momento e em todos os lugares!

Triste, muito triste! Aquedados pelo sol mais lindo do mundo, possuidores das campinas mais férteis e mais fáceis da Europa, abraçados pela generosidade da natureza — vivemos todos do dia de amanhã, indolentes como os orientais, com preguiça de lavar a cara!

Não damos fé dos nossos costumes!

Assim se passam as coisas na terra dos conquistadores. E se nós vissemos agora como elas se passam cá por casa, já que temos a mão na massa e a refeição promete demora?!

FREI JUNIPERO

LUME NOVO — N.º 5 (de Fevereiro de 1928).

Cont. no próximo núm.

### Tribuna de COIMBRA

Cont. da 3.ª pág.

No regresso encontrei dois dos nove filhos dum casal, cujo pai só sabe beber e espancar a família. Está cada vez pior.

Já a descer as escadas que dão para a Baixa encontrei a pobre do Senhor Padre Horácio, como os nossos rapazes lhe chamam. Foi um abraço de saudades, de há uns meses que não nos víamos!

No centro da cidade entrei na igreja de Santa Cruz, ajoelhei-me num banco e assisti às cerimónias litúrgicas. A certa altura entrou pela igreja fora um grupo de pequenos do bairro donde eu vinha. Deram a volta pelo centro e foram ajoelhar-se à minha volta. Estiveram assim muito tempo. Não lhes disse nada nem tão pouco eles a mim.

Agradei muito a Deus a grande graça de ser pobre.

Padre Horácio

# FESTAS PASCAIS

Daniel Borges da Silva

Festas Pascaís na nossa Aldeia de Paço de Sousa. Estamos em Quinta Feira Santa. Dia em que se comemora a instituição da Sagrada Eucaristia, tornando-nos participantes do grande Sacrifício. Estamos mais juntos do Mártir do Gólgota! O mesmo Calvário. As mesmas personagens. A mesma vida. O mesmo sangue. O grande bem da descida de Cristo à terra!

Cristo foi flagelado, morto e crucificado. Que pena!, diremos muitos de nós. Que crime horrendo, o maior de toda a história! Que criminosos foram os povos de antanho que perseguiram e flagelaram Jesus da Galileia! Mas quem fez essa vítima? Quem o ultrajou foi cada um de nós, com suas faltas que trespassaram o coração de Maria e de João Baptista, os Fieis até ao fim. O pecado é uma barreira que se entrepõe entre nós e o Céu. Na altura em que caímos cortamos relações; pedimos, nesse mesmo instante a nossa demissão de membros do Corpo Místico para nos tornarmos no peso morto que vai pesar nas cordas do mal. Fui eu. Foi cada um de nós que cometemos aquele crime de que acusamos os outros. Vestimos uma peça atraente, a parecer bem aos olhos do mundo, enquanto essa mesma teia é tecida nos teares de Satan. O covarde que se transforma em serpente para que a maça do pecado seja constantemente ingerida pelas ondas confusas deste mundo conturbado, descrente e ambicioso. Quem crucifica Jesus nos irmãos Pobres que não têm sequer onde morrer? Mas Cristo não veio à terra dizer que isto era de meia dúzia deles! Quem crucifica Cristo no irmão que levou uma vida inteira de trabalho e de canseiras, por fim é doente incurável e não tem um travesseiro onde pousar por uns momentos, nesta breve vida que passa, a cabeça? Que lhe é negada uma cama precisamente por ser incurável? Lhe é negado o seu direito? Tem, à força, de pedir a demissão de ser humano, composto de corpo e alma para se tornar num animal inútil, que é atirado para um canto, como nem a um cão se faz, pois estes ainda têm o amor das senhoras elegantes que não querem ter filhos, lhes beijam o nojento focinho! O mundo é assim. Vive do amor de cão. Pobre inocente. Como andas louco mundo que acusas os outros, não olhando para dentro mas para o fato que trazes colado ao corpo. Este é que é lindo e dá nas vistas, ainda que andemos sujos e não tomemos banho. Quem crucifica Cristo na pessoa de tantos rapazes que andam no mundo sem saberem de onde vieram? Não tiveram acaso eles pai? Que leis são as nossas?

Quem vê. Quem sente e apalpa as tuas chagas, logo nota que estamos em permanente e constante Calvário. Que as feridas de Cristo não mais param de jorrar. E nós, indiferentes, com um sorriso nos lábios, deixamos Cristo agonizar a nosso lado e

vamos chamar criminosos aos outros. «Eu não sou como aquele que está lá em baixo a bater com a mão no peito. Eu não peço, dou esmolas aos pobres...» Quem te conhece, vê bem quão fraco és. Para onde caminhas tu?

Nós, gaiatos, vivemos o mais de perto todos estes problemas. A Páscoa para nós é algo de mais alto, nobre, sobrenatural. Tantos de nós, que não temos pais, vamos, por graça de Deus, viver grandes momentos. Estamos no Mosteiro de Paço de Sousa, onde tomamos parte em todas as cerimónias. Passamos todas as estações da Via Crucis. Aproximamo-nos da mesa eucarística, vamos encostar a nossa cabeça pobre e pecadora, de encontro ao peito daquele que é Todo Amor. Entoam no ar os cânticos e hossanas, tornando também participantes os habitantes de Paço de Sousa, que acorrem ao histórico mosteiro de tão bela traça. Vivemos aqui pedaços de Amor e paz, esquecendo por momentos as dificuldades e bulícios do exterior. Aproximam-se do pátio cimeiro da capela mor, doze pobres da nossa Conferência vicentina. Júlio Mendes, que é o presidente, vai descalçá-los e daqui a momentos o ministro que preside vai lavar-lhes os pés, como o Mestre fez, num gesto de humildade e caridade.

Estamos no refeitório que no dia de Hoje se transforma em Cenáculo. A presidir estão os Pobres. Nossos superiores servem-nos. Os chefes servem os outros rapazes. Momentos de paz e de Amor. Está no nosso meio, com o seu sorriso, o nosso Pai Américo. Está toda nossa família e está a presidir o mesmo Jesus, tal qual como foi crucificado e que vive e reina eternamente. Como os Pobres estavam contentes! Como estavam contentes nossos superiores com a visita mais sensível de Jesus. Como estávamos todos mais familiares e que bem nos não fará pela vida fora estes nossos passos no Cenáculo! Neste dia, em que os servidores da Obra se sentem pequeninos é quando Ela é mais grande e o seu luzeiro passa para além do espaço!

No domingo de Páscoa tivemos a visita a nossas casas do Grande Triunfador da Cruz e da Morte e nós todos Lhe beijamos os pés, ainda frescos dos cravos e das torturas porque Jesus tinha passado nas vésperas. Sorria para nós e abençoava-nos. Como é bom não ter mãe nem pai na terra e estar na Casa do Gaiato, onde recebemos um sorriso de Jesus! É dos pequeninos e dos Pobres que Ele gosta!

Que feliz foi esta nossa Páscoa de 1958! Não podemos nesta altura esquecer os irmãos que já estão em luta com a vida desde o Minho ao Algarve. Em qualquer lado onde pulsa um coração de gaiato. Não esqueçamos as jornadas dos nossos padres em suas viagens pelas Vias dolorosas deste Portugal.

Cristo da Galileia vai a passar. Cada um venha também ao seu encontro. Se queres encontrá-

lo face a face vai aos barredos, tugúrios onde não se chega a ver uma toska vela acesa, tal como nas catacumbas de Roma, forja de Heróis e de Santos! Assim, os nossos padres vão mandados pela força da Palayra quente e Viva do Evangelho. São os Pelicanos do Bem. Curvem-se que é Cristo que vai a passar!

## Chales de Ordins

Cont. da página dois

pararam-lhe logo. Queria eu que as lágrimas das tecedeiras fossem recolhidas religiosamente pela senhora das tecedeiras, na Casa das Tecedeiras. Quando se conseguirá tal? Quem me ajuda a levar cruz tão pesada? Onde o Cireneu? Não se pretendem mais palavras de apoio, que Ordins há muito vem recebendo, mas, sim, uma ajuda. Onde as Verónicas que queiram, com sua esmola, pequena ou grande, limpar a face tão desfigurada desta gente pobre que se diz cristã e, tanta vez, não o é? Abrindo esta precissão de dor, a caminho do Calvário vão as tecedeiras de Ordins. Por cada chale vendido 1\$00 para a sua Casa. É pão tirado às suas bocas. Quem não se comove? Duma visitante 20\$. De Avanca uma magnífica secretária para o futuro consultório. E o mais dirá o leitor.

Como o caso da tecedeira que pedia 2\$50 para o pão está resolvido, quaisquer donativos que se me enviem serão aplicados nos alicerces da Casa.

P.e Aires

## O que nos dão no Tojal

Cont. da página Três

Para os Pobres da Curraleira, uma rima de enxovais, pequeninos mas gratiosos.

O Banco de Portugal ofertanos 500\$. M. A. S. 100\$.

As alunas e professoras da Escola Josefa de Óbidos, em romaria de saudade no aniversário da entrega da sua primeira casa de Pobres, trazem-nos mercaria abundante e 20\$. É dedo vicentino que anda por ali a bulir. Eis um complemento da verdadeira formação do homem: o sentido social. E este nunca tão necessário como nos tempos presentes.

Pela conversão de meu marido 250\$. Da Ajuda roupas. «Em vez de velas 20\$». De Loures 50\$.

Na Suíça, Chaine des Mères sabe dos nossos rapazes da rua e envia Frs. 250.

Lisboa tem outra vez a palavra. Uma modista singela, no Campo Grande, entrega-nos retalhos e 500\$, do suor do seu trabalho. Que óbulo! Uma padaria com pão, um senhor com 70\$, uma senhora com um fogão de cozinha.

Assinaturas pagas somam 1.925\$. O peditório de S. Domingos perfeit 8.068\$ e o de S. João de Brito 22.117\$.

Por tudo Deus seja louvado!

Padre Baptista